



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS

EDVANDRA MAFEÇOLLI COSTA

**UMA ANÁLISE DE *CARTAS ENTRE MARIAS: UMA VIAGEM À GUINÉ-  
BISSAU***

FLORIANÓPOLIS

2019

Edvandra Mafeçolli Costa

**UMA ANÁLISE DE *CARTAS ENTRE MARIAS: UMA VIAGEM À GUINÉ-BISSAU***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Santa Catarina para a  
obtenção de título em Pós-Graduação em  
Linguagens e Educação a distância.

Orientador: Prof. Dr. Atilio Butturi Junior

Coorientador: Prof. Me. Arthur Vinicius Anoroza  
Nunes

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa, Edvandra Mafeçolli

Uma análise de Cartas entre Marias : uma viagem a Guiné Bissau / Edvandra Mafeçolli Costa ; orientador, Atilio Butturi Junior, coorientador, Arthur Vinicius Anoroza Nunes, 2019.

34 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização em Linguagens e Educação a Distância, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1.África. 3. Discurso. 4. Leitura. I. Butturi Junior, Atilio. II. Nunes, Arthur Vinicius Anoroza. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização em Linguagens e Educação a Distância. IV. Título.

Edvandra Mafeçolli Costa

**Uma análise de *Cartas entre Marias: uma viagem a Guiné-Bissau***

O presente trabalho em nível de especialista foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr.(a) Atilio Butturi Junior  
Orientador

Me. Arthur Vinicius Anoroza Nunes  
Coorientador

Me. Camila de Almeida Lara

Me. Larisse Louise Pontes Gomes

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Especialista em Linguagens e Educação a Distância” e aprovado em sua forma final pelo Programa de Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância.

---

Prof. Dr.(a) Celdon Fritzen  
Coordenador do Programa

---

Prof. Dr.(a) Atilio Butturi Junior  
Orientador

Florianópolis, 30 de julho de 2019

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, pois foi buscando a Ele, no Centro Evangélico Angelino Rosa (CEAR), que soube da existência do envio de missionários para a África, e quando precisei de materiais que lembravam a África para que a escola na qual eu trabalhava pudesse mostrá-los em um desfile cívico, foi que descobri a existência da escritora Virginia Maria Yunes, que num primeiro momento, mesmo que por telefone, cedeu as belas fotos registradas em Guiné-Bissau. E só depois, por intermédio de uma conhecida em comum, é que fiquei sabendo da existência do livro *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau* (2018), que me despertou muita curiosidade. Isso foi em 2014. Anos mais tarde, em 2017, pude aplicar o estudo do livro em um projeto destinado a crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem, onde eu atuava como professora de língua portuguesa.

Agradeço aos meus pais Luiz e Noêmia, que sempre tiveram respeito e admiração pela busca do conhecimento, principalmente minha mãe, que sempre atuou como professora.

Obrigada ao meu esposo Gilberto, por se mostrar cada vez mais compreensivo com minha ausência da vida conjugal, pelas muitas vezes que precisei me dedicar às tarefas acadêmicas.

Aos meus queridos filhos Edilberto e Eduarda, que além de me realizarem como mãe, foram os melhores alunos que tive!

Obrigada, filha, por depositar confiança, acreditar e incentivar minha busca pelo saber, por ter me orientado nas muitas dificuldades encontradas no uso das tecnologias (já que o curso era ofertado na modalidade EaD), e principalmente por me desafiar a vencer a mim mesma nos momentos finais. Minha admiração por sua garra e determinação, que em nada lembra o sexo frágil que a sociedade dita.

Filho, agradeço pela paciência, pelo carinho, pela atenção e pelo socorro recebidos nesta reta final, que mesmo com sua agenda lotada de trabalho, ainda consegue me auxiliar (já que a tecnologia ainda é um desafio) e ser o mesmo menino doce que vi crescer!

Obrigada, Ana, minha futura nora, por admirar e respeitar meus estudos.

Agradeço às tutoras Isabel Maria Barreiros Luclktenberg e Bruna Anastácio.

Isabel, obrigada por sempre explicar com todo o carinho e paciência detalhadamente as tarefas que precisavam ser postadas.

Bruna, obrigada por seus comentários que me desafiavam e me auxiliavam a melhorar a cada nova tarefa.

A todos os professores que direta ou indiretamente contribuíram no decorrer deste curso.

Obrigada ao orientador Professor Doutor Atilio Butturi Junior, por conduzir da melhor forma possível este trabalho final.

Em especial, agradeço ao coorientador Professor Mestre Arthur Vinícius Anoroza Nunes, por todas as orientações recebidas, e principalmente por ser essa doçura de ser humano, atencioso, paciente e compreensivo, estando presente e esclarecendo todos os momentos de dúvidas e angústias.

Obrigada à escritora do livro *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau* (2018), por ofertar momentos de encontro com os leitores, por ser um exemplo de humanidade e dividir materiais de grande riqueza cultural e intelectual, por estar sempre pronta e ser tão prestativa, e nos levar tão longe através das imagens captadas por uma máquina fotográfica.

Obrigada também à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pela oportunidade e pela realização da Pós-Graduação em Linguagens e Educação a distância.

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar o livro *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau* (2018) com o intuito de descobrir de que modo a literatura africana e sobre o povo africano podem contribuir para a ressignificação dos discursos de exclusão do povo negro. A cultura africana, embora seja riquíssima em hábitos, costumes e tradições, carrega consigo uma história de dores, preconceito e discriminação por ter sido colonizada e se tornado vítima das relações eurocêntricas. A nação brasileira é rica em miscigenação entre povos e culturas bem diferentes que se apropriaram da cultura um do outro no passado e no presente. Desse modo, respeitar a identidade cultural do povo negro é dar voz àqueles que foram silenciados durante séculos pelos seus colonizadores. Sendo assim, o texto analisado contribui para a valorização da cultura africana, que se tornou obrigatória nas escolas públicas em virtude da Lei n.º 10.639/03. A promoção e o acesso da população negra à igualdade de oportunidades é um desafio contínuo de movimentos negros, que ganha força quando as crianças, jovens leitores em idade escolar, conseguem reafirmar sua identidade cultural apropriando-se de livros como o que foi analisado.

**Palavras-chave:** África, discurso, leitura.

## ABSTRACT

The present study aims to analyze the book *Cartas entre Marias...* (2018) in order to discover in which ways this one contribute to the resignification of the discourse of exclusion of Black people. The African culture is rich in habits, mores and traditions, it carries a history of pain, prejudice and discrimination because it has been colonized and has become a victim of Eurocentrism. The Brazilian nation is rich in miscegenation between people and different cultures, to respect the cultural identity of the Black people is to give voice to whom have been silenced for centuries by their colonizers. Therefore this new view, the new discourse offered in each page of the illustrated book, and loaded with verb-visibility, contributes to the dissemination of the African culture that has become compulsory in public schools by virtue of the law 10639/03, breaking the European stereotypes. The promotion and access of the Black population to equal opportunities is a continuous challenge of Black movements, which gains strength when children, young readers of school age can reaffirm their cultural identity by appropriating books such as the one analyzed, connected with the current laws of this new discourse, present in the current historical moment.

**Keywords:** Africa, discourse, literature.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Criança negra usando turbante.....	18
Figura 2 - Africano idoso: uma biblioteca viva.....	19
Figura 3 - Criança guineense realizando leitura de seus escritos. ....	20
Figura 4 - Esculturas de madeira e panos-de-pente.....	22
Figura 5 - Rosto de mulher africana. ....	23
Figura 6 - Túnicas estampadas e supercoloridas, do jeito próprio de as africanas se vestirem. .....	24
Figura 7 - Uso de turbantes, mostrando a identidade africana. ....	25
Figura 8 - Tranças: penteados afro. ....	26

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>UM NOVO OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO POVO NEGRO.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DISCURSIVA DE <i>CARTAS ENTRE MARIAS: UMA VIAGEM À GUINÉ-BISSAU</i>.....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>O BLOG <i>LITERATURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: O POVO NEGRO, SUA HISTÓRIA, COSTUMES E TRADIÇÕES</i> .....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema o livro *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau* (2018), de Virginia Maria Yunes, que permite novos olhares e discursos a respeito da literatura africana e afro-brasileira, podendo ser compreendido, assim, como uma importante forma de ressignificação dos discursos excludentes sobre o povo negro. Trata-se de um livro que faz uso da verbo-visualidade para mostrar a cultura, os hábitos, os costumes, as religiões, a culinária e a linguagem usada pelo povo de Guiné-Bissau em sua inscrição no continente africano. Em diálogo com o livro de Yunes, este trabalho também mostrará as políticas reparatórias para divulgar a cultura africana como constituinte e formadora da sociedade brasileira, onde o povo negro deve ser reconhecido como sujeito histórico.

Dessa perspectiva, o objetivo geral é analisar os discursos de *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau* (2018), descrevendo os modos pelos quais o texto rompe com os estereótipos criados pelo eurocentrismo, que durante o colonialismo escravizou o povo negro, contribuindo para diferentes formas de rejeição e exclusão que ecoam até os dias atuais.

Desse modo, no livro de Yunes, são explorados novos olhares sobre o povo da Guiné-Bissau, como a forma de moradia da população guineense, a localização do continente africano, as etnias e as diversidades étnicas, a língua falada, os idiomas, a forma como os africanos se vestem, por quem suas roupas são confeccionadas, os penteados usados pelas mulheres (lenços, turbantes), os rituais que os meninos passam na vida adulta (fanado), a forma de alimentação (culinária, temperos, as feiras, os mercados) e a economia local. Será possível, também, por intermédio do livro, demonstrar os tipos de brincadeiras, a escola, as danças, os cantos e as cantigas vivenciadas pelas crianças guineenses.

Ao apresentar o diálogo da autora com o leitor – diálogo que objetiva construir um novo olhar sobre o povo negro –, observa-se um novo discurso que nos remete a Foucault, em *A ordem do discurso* (1996), quando este nos diz que o enunciado é produzido em determinado momento histórico de acordo com as *condições de aparecimento* de cada sociedade. Sendo assim, faz-se necessário analisar, sempre, em que momento histórico e espaço certas formas de pensar, de olhar e de tratar o povo negro foram constituídas para que aconteça a “descontinuidade, de ruptura, de limiar, de limite, de série, de transformação” (FOUCAULT, 2008, p. 25).

O desenvolvimento desta pesquisa ocorreu porque o livro *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau* (2018) chamou a atenção por trazer um novo discurso sobre o povo negro (bem diferente de anos atrás), e principalmente pelas muitas imagens mostradas nele. Durante o estudo dos módulos, especialmente no módulo II, *Suportes Narrativos*, as atividades propostas pela professora Susan Aparecida de Oliveira e o artigo *Gênero discursivo e as novas linguagens no ensino da língua portuguesa*, de Puzzo e Santos (2015), mostravam a relação entre a linguagem visual e a linguagem verbal na produção e interpretação de sentido, isto é, mostravam a verbo-visualidade. Esse recurso também se nota em todas as páginas do livro que será aqui estudado e analisado. Além disso, no momento em que o projeto de pesquisa foi proposto, eu fazia uso do livro *Cartas entre Marias...* (2018) na minha prática docente, por perceber o quanto ele era indicado para trabalhar a cultura africana, e se este fosse meu objeto de pesquisa, eu poderia entender melhor a forma como a cultura africana, tão presente na realidade brasileira, poderia ser melhor trabalhada.

Para o trabalho, ainda, foi desenvolvido um blog, *Literatura africana e afro-brasileira na sala de aula: o povo negro, sua história, costumes e tradições*, disponível em <https://edvandramcosta.blogspot.com/>, no qual, por meio de postagens diversas, divulgarei outros textos sobre literatura africana e afro-brasileira possíveis de serem trabalhados em sala de aula, além de vídeos, sugestões de canais no *Youtube*, fotos, relatos pessoais, com o objetivo de divulgar a pesquisa e criar um espaço para disponibilizar arquivos pertinentes ao tema das literaturas africanas e afro-brasileiras.

## 2 UM NOVO OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO POVO NEGRO

Desde os tempos da colonização, discursos eurocêntricos afirmaram a superioridade dos brancos sobre os negros, negando a existência de suas histórias e culturas. Afirmaram sua inferioridade, ainda, para explorar a mão de obra, para a apropriação de seus territórios e de suas matérias-primas.

Em virtude desse histórico, no Brasil, em janeiro de 2003, a Lei n.º 10.639 incluiu o estudo da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, reconhecendo a participação dos africanos e seus descendentes como sujeitos constituintes da nossa história, dotados de valores e saberes. Este trabalho se interessa justamente pelos novos discursos que decorrem desse deslocamento.

Michel Foucault, importante filósofo francês, em seu texto *A ordem do Discurso*, proferido na aula inaugural no *Collège de France* em dezembro de 1970, mostra as diversas formas de verdade, chamando atenção para aquela aceita em determinada sociedade, a que interessa especificamente a determinado grupo social: “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Ele nos leva a compreender os diferentes períodos históricos e grupos sociais, mostrando o quanto o discurso é capaz de controlar, limitar e validar as regras de poder.

Foucault (1996) afirma que em sociedade a produção do discurso é controlada, selecionada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos, esquivar sua temível materialidade. As formulações discursivas, os processos interacionais entre os interlocutores e o contexto da enunciação são focos para a compreensão do discurso. Percebe-se, em toda sociedade, procedimentos de exclusão, sendo que o mais evidente é a interdição, pois não se tem o direito de falar tudo em qualquer circunstância:

Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino, em todas as outras mas segundo um perfil e facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso. (FOUCAULT, 1996, p. 50).

Sendo assim, a partir das leituras de Foucault (1988; 1996; 1999; 2008; 2009), e transpondo-as para o período colonial brasileiro, percebe-se que o colonialismo não foi só uma forma de dominação política e econômica, mas também de confronto de culturas e raças diferentes. Esse confronto foi prescrito durante um período que levou o povo negro à alienação pelo povo branco, sujeitando-se aos modelos impostos de uma forma classificatória e sofrida, nos quais o conceito de raça humana biológica era razão para matar toda expressão cultural dos africanos. Quanto mais estes perdessem sua identidade, mais próximos estariam dos padrões europeus.

Cristine Görski Severo, em seu artigo *Política Linguística e racismo* (2015), pede para observarmos o período colonial no Brasil. Durante este período, no ano de 1758, ocorreu a formalização da língua portuguesa pela Lei do Diretório dos Índios. A autora nos mostra, então, que a língua foi usada como critério de portugalização dos sujeitos. Segundo o Diretório dos Índios (apud SEVERO, 2015, p. 404), introduzir aos povos conquistados o seu próprio idioma “Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as nações, que conquistaram novos domínios”. Desse modo, esse era um meio utilizado para eliminar antigos costumes dos povos conquistados.

Trazidos para o Brasil para serem escravizados durante o período colonial, os africanos que não dominavam a língua portuguesa eram chamados de “boçais”, já aqueles que dominavam eram tratados de “ladinos”, e os escravizados nascidos no Brasil eram denominados “crioulos” (SEVERO, 2015). Sendo assim, a língua foi usada como critério para demarcar e diferenciar racialmente as pessoas, não somente no período colonial, mas também nas escolas públicas, onde o acesso ao letramento era destinado a uma elite urbana. Os falares dos africanos e dos afro-brasileiros eram classificados com termos pejorativos (estropiado, geringonça luso-africana etc.). A língua, então, era usada para demarcar, diferenciar e excluir.

Em seu artigo, Severo (2015) ainda cita Gilberto Freyre que, em *Casa Grande e Senzala*, fala da língua como sendo utilizada como signo de divisão racial e social, uma dualidade: tem-se a fala dos brancos das casas grandes e dos negros das senzalas. De um lado: bacharéis, padres e doutores; de outro, ex-escravos, analfabetos, matutos, sertanejos.

Voltando a Foucault, essa interdição sobre a qual o filósofo comenta fica mais perceptível ao falarmos da sexualidade e da política, exercendo de modo privilegiado alguns de seus mais temíveis poderes. O discurso traduz as lutas e os sistemas de dominação, o poder do qual se busca apoderar-se. Se nos situarmos dentro de nossos discursos da vontade da verdade, veremos que as mutações científicas podem ser compreendidas como consequências

de uma descoberta ou como aparição de novas formas de verdade. Assim, na Inglaterra dos séculos XI e XII, apareceu uma vontade de saber que impunha ao sujeito cognoscente certa posição, certo olhar, certa função: ver ao invés de ler, verificar em vez de comentar, investindo-se sobre os conhecimentos para serem verificáveis e úteis. Com a grande divisão platônica, a vontade de verdade passa a ter sua própria história, agora apoiada em um sistema institucional, reforçado e reconduzido por um conjunto de práticas como a pedagogia, o sistema de livros, as edições e os laboratórios atuais. Essa vontade de verdade é reconduzida pelo modo pelo qual o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído. A vontade de verdade apoiada sobre um suporte, uma distribuição institucional, tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão, um poder de coerção.

Na esteira do que nos diz Foucault, podemos pensar na Lei n.º 10.639/03, que alterou a Lei n.º 9.394, de dezembro de 1996 – lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional – visando à reparação das desigualdades sofridas pelo povo africano e pelos afro-brasileiros. Com a alteração, inclui-se no currículo da rede de ensino a temática “história e cultura afro-brasileira”, com o intuito de combater práticas de racismo e xenofobia. Essa lei institui, ainda, o Dia da Consciência Negra em 20 de novembro, em homenagem ao dia da morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares. A lei visa a um resgate histórico, permitindo aos alunos negros o reconhecimento e a valorização subjetiva e simbólica de sua identidade e de sua importância na formação da sociedade brasileira. Com isso, pretende-se formar indivíduos com novos olhares e posturas diante do conhecimento e da apropriação de valores e atitudes pautados na igualdade de direitos e no respeito às diferenças, capacitados para intervir no mundo e transformá-lo.

Diante disso, o livro da escritora Virginia Maria Yunes, *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau* (2018), desperta um novo olhar para o povo negro, pois as atraentes imagens (fotografias) presentes em todas as suas páginas demonstram a forma de moradia, os penteados, a religião, a história e a política da África. Através da utilização de cartas (um gênero textual quase que substituído pelos e-mails), cria-se emoção e expectativas nos leitores, remetendo-os ao ontem e ao hoje (como eram vistos e como são vistos esses povos), contribuindo, assim, para a construção de um novo discurso na formação de cidadãos respeitosos com a diversidade cultural presente na formação do povo brasileiro. Além disso,

evidencia-se os costumes e tradições que se repetem, e que antes não eram mostrados na sua origem.

Segundo Foucault (1996), o discurso está presente em nosso sistema de cultura, nos textos religiosos ou jurídicos, nos textos literários e nos científicos. Uma única obra literária pode dar lugar a tipos de discursos distintos, pode-se construir indefinidamente novos discursos e mostrar o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. O autor precisa mostrar o sentido oculto que o atravessa, e este deve se articular com sua vida pessoal, suas experiências vividas e com a história real que viu nascer. É ele quem dá seus nós de coerência à inquietante linguagem da ficção; existe um indivíduo que escreve conforme recebe de sua época. Essa identidade do autor tem a individualidade do eu.

Não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma vigilância discursiva que deve ser reativada em cada discurso. A pertença doutrinária questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito que fala, e um através do outro. Pode-se ter acesso a qualquer tipo de discurso na sociedade atual e ver nitidamente as linhas marcadas pelas distâncias, pelas posições e pelas lutas sociais. Nesse sentido, todo o sistema de educação é também uma maneira política de manter ou de mudar a apropriação do discurso com poderes e saberes que ele traz consigo.

A história das ideias trata dos discursos como séries regulares e distintas de acontecimentos, que permitem introduzir na raiz do pensamento o acaso, o descontínuo e a materialidade. As análises dispõem de dois conjuntos: o crítico, que procura cercar as formas de exclusão, da limitação e da apropriação, e de outra parte o conjunto genealógico, como se formaram, através, apesar ou com apoio desses sistemas de coerção. As formas de rejeição do reagrupamento ou da atribuição, e os procedimentos de controle, acontecem ao mesmo tempo no interior de uma formação científica, sendo assim, as regularidades discursivas e toda a descrição genealógica devem levar em conta os limites que interferem nas formações reais.

As descrições críticas e as descrições genealógicas devem alternar-se, e apoiar-se umas nas outras, pois a crítica se ocupa de detectar, destacar os princípios de ordenamento, de exclusão, de rarefação do discurso, ou seja, é uma desenvoltura aplicada. Já a genealógica procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, um poder de constituir domínios de objetos, para assim afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas, problematizando as práticas de poder, pois são elas as responsáveis por indicar o modo de ser, agir e pensar, próprios da época em que se inserem.



### **3 ANÁLISE DISCURSIVA DE *CARTAS ENTRE MARIAS: UMA VIAGEM À GUINÉ-BISSAU***

A diversidade étnica de Guiné-Bissau é considerada de uma grande riqueza cultural. Nação híbrida e multicultural, é composta por aproximadamente trinta e cinco etnias espalhadas por pequenas distâncias, em diferentes regiões do país, apresentando características socioculturais, linguísticas, religiosas, dentre outras, bem distintas entre si (YUNES, 2018).

O livro *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau* (2018) retrata costumes e tradições do povo guineense sob o olhar da fotógrafa Virginia Yunes, em forma de cartas e em belas imagens. O livro chega com informações a respeito da vida do povo guineense, através de uma dimensão poética/estética que encanta seus leitores.

Na narrativa, Ana Maria e Maria Cristina são colegas de um colégio em Florianópolis, em Santa Catarina, ao sul do Brasil. Nas férias de fim de ano, o pai de Ana Maria faz uma pesquisa com plantas medicinais em uma aldeia no interior da Guiné-Bissau, na África, e leva toda a família: a esposa e seis filhos. De lá, Ana Maria escreve para Maria Cristina, e assim começa a história do livro *Cartas entre Marias...* (2018), no qual, com o olhar de uma criança, é possível viajar pela Guiné-Bissau.

O livro contribui de forma lúdica para a efetivação da Lei n.º 10.639/03, alterada pela Lei n.º 11.645/08, no ensino brasileiro, por se tratar de uma leitura infanto-juvenil que possibilita novos olhares sobre a África e seu povo. A lei torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares, do fundamental até o ensino médio, e pode ser entendida como um instrumento de poder importante para a resignificação de discursos sobre o povo africano. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), há uma diversidade muito grande de línguas faladas no Brasil, e a língua crioula é citada no livro *Cartas entre Marias...* (2018).

O livro inicia com uma troca de correspondência e de cultura entre Brasil e África, mostrando costumes, tradições, rituais, com imagens que buscam desconstruir estigmas antes vistos em livros didáticos. Tais imagens, que são de alta qualidade, mostram todo o encanto e a riqueza do povo africano. A escritora é também a fotógrafa responsável pelos melhores ângulos das roupas, das danças, da culinária, ou seja, todo o jeitinho próprio de ser e agir

desses que estão registrados em forma de imagens. A articulação verbo-visual funciona e auxilia na construção de sentido e de efeitos de sentido, quer lógicos, ideológicos, emocionais, estéticos, entretecidos por um diálogo que convoca memórias de sujeitos e objetos, promovendo novas identidades.

Figura 1 - Criança negra usando turbante.



Fonte: Yunes (2018).

A troca de correspondência acontece entre duas crianças, e rompe com o silenciamento e o apagamento do sujeito negro quando vem mostrar novos olhares e discursos sobre aspectos culturais e sociais da Guiné-Bissau. O tempo de espera pelas cartas, entre o envio da mensagem e o retorno, aflora um sentimento diferente, criando uma profunda ligação com a cultura africana, que preserva a oralidade.

Ela me disse que uma das coisas mais bonitas na África é o respeito aos mais velhos. Os homens são chamados de homens grandes. Eles ensinam tudo aos mais jovens, e, muitas vezes, por meio de contos, provérbios, ditos, canções ou lendas. Ela me contou que o poeta chamado Hampaté Bah, de Mali, escreveu assim: “Quando morre um africano idoso, é como se queimasse uma biblioteca”. (YUNES, 2018, p. 34-35).

Figura 2 - Africano idoso: uma biblioteca viva.



Fonte: Yunes (2018, p. 35).

Tendo em vista que os discursos são produzidos e redistribuídos em sociedade conforme diferentes relações de poder/saber (FOUCAULT, 1996), faz-se necessário ressaltar, novamente, a importância da implantação da Lei n.º 10.639/03 e também de toda luta dos

movimentos sociais para que o povo negro pudesse mostrar o seu próprio discurso e, assim, ser reconhecido como um povo cujos cidadãos são plenos de direitos e capazes de narrar as suas próprias histórias, e para que a sociedade elitista e classificatória não os vissem como não possuidores de direitos (contribuindo para discursos excludentes a respeito de sua história e de suas narrativas).

Se contextualizarmos historicamente, no Brasil, assim como nos demais países que foram colonizados, podemos perceber que os negros sofreram relações hierarquizantes, e que foi imposto a eles um padrão civilizatório.

Nós descobrimos que a Guiné-Bissau foi uma colônia portuguesa igual ao Brasil. Por isso a língua oficial é o português. Mas Caio me explicou que nem todos falam o nosso idioma porque há mais de 30 etnias diferentes no país. A maioria das pessoas se comunica em crioulo ou em outras línguas étnicas (YUNES, 2018, p. 9).

A Guiné-Bissau costuma se comunicar oralmente em crioulo, porém, por ter sido uma colônia portuguesa, oficialmente precisam usar o português. A grande maioria da população ainda domina o francês, o espanhol e outras línguas.

Figura 3 - Criança guineense realizando leitura de seus escritos.



Fonte: Yunes (2018, p. 9).

Tal questão nos lembra Severo, quando diz que a “Língua portuguesa foi imposta aos povos colonizados” (2015, p. 404), ou seja, a cultura e a identidade dos povos colonizados não foram respeitadas, e além de serem dominados, esses povos também perderam muitos dos vínculos com suas origens.

Foram mais de trezentos anos de escravidão, do século XVI ao século XIX. Logo que chegaram no Brasil, os portugueses impuseram um sistema escravista como modo de produção e de organização social. A essa forma de exclusão, Foucault (1996) refere-se como interdição: não é dado o direito de falar, nem de dizer em qualquer circunstância. Foi o que aconteceu com o povo negro neste momento histórico.

Já com o olhar da escritora do livro *Cartas entre Marias...* (2018), podemos ver a inclusão do povo negro presente em cada página. Yunes nasceu em Santa Fé, na Argentina, e aos 9 anos se mudou para o Brasil. É formada em diversas áreas como Farmácia e Tecnologia de Alimentos, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É também Mestre em Ciência de Alimentos pela UFSC e Doutora em Artes Visuais pela UDESC.

Já viajou por mais de 40 países, mas dentre todos, os que mais despertaram um gosto especial foram os países africanos. Por isso, a autora pesquisou muito sobre a cultura africana a fim de produzir o livro.

Figura 4 - Esculturas de madeira e panos-de-pente.



Fonte: Yunes (2018, p. 36).

Em 1998, em sua viagem à Guiné-Bissau, na África, Yunes fez muitos registros fotográficos. Com tais registros e com a ajuda da amiga Maria Isabel Leite, foi feita a primeira versão do livro *Cartas entre Marias...* (2018).

Figura 5 - Rosto de mulher africana.



Fonte: Yunes (2018, p. 40).

No momento em que a escritora visita a África e registra as imagens, Guiné-Bissau é invadida por uma terrível guerra, o que faz com que a autora seja repatriada. Porém, Yunes traz consigo tudo que foi captado pelas lentes de sua câmera fotográfica naquele ano. Em 2016, retorna à Guiné-Bissau com as imagens que estão presentes na primeira versão do livro e as mostra para muitos que sobreviveram à guerra, produzindo um documentário com duração de 16 minutos, *Djumbai: uma terra chamada Guiné-Bissau em tempos de sombras e sobras*.

O livro aqui analisado encanta os leitores por suas belas imagens, e por mostrar costumes, tradições, religiões, causando admiração de alguns e identificação por parte de outros. Nas cartas trocadas entre as Marias do livro, é mostrada a curiosidade de uma delas

em usar roupas próprias do povo africano, mas como ela não sabia como amarrá-las, não fazia uso delas, mostrando, no entanto, que sentia admiração pela vestimenta.

Aqui tudo é supercolorido! A maioria das pessoas se veste com túnicas estampadas, e as mulheres e meninas costumam usar tecidos amarrados no corpo com muita criatividade. Acho lindo! Eu adoraria usar essas roupas, mas ainda não sei amarrar direito. Tenho medo que caiam! (YUNES, 2018, p. 11).

O texto ainda desperta o desejo e a criatividade com relação ao uso das vestimentas, uma vez que mostra o jeito próprio de o povo africano se vestir e apresenta suas vestes coloridas.

Figura 6 - Túnicas estampadas e supercoloridas, do jeito próprio de as africanas se vestirem.



Fonte: Yunes (2018, p. 11).

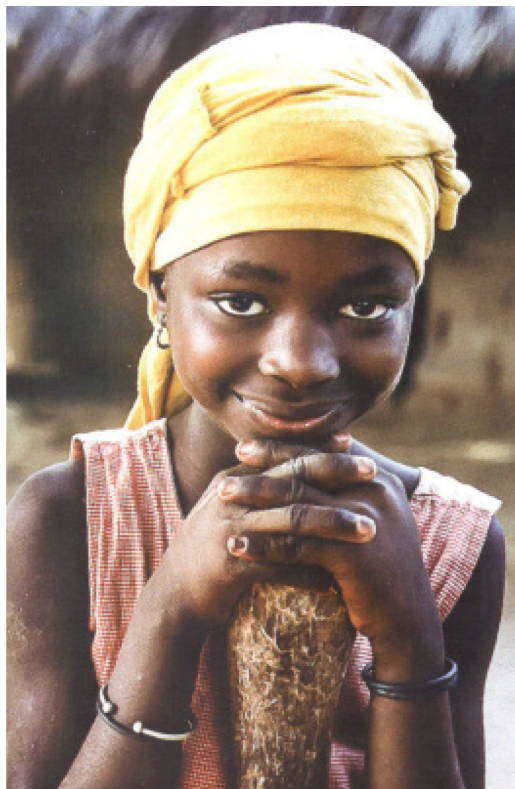
Ao mostrar o uso de turbantes, o livro leva o leitor a entender a história cultural do turbante africano, conectando-o com suas origens e com o processo de formação da cultura brasileira. Os turbantes são usados por homens e mulheres e a forma com que são amarrados tem significados diferentes. Nas religiões africanas, o turbante é um elo com a dimensão espiritual; a amarração e as cores carregam significados profundos.



Os turbantes no Brasil são comuns no estado da Bahia, em Salvador. Ao conhecer a origem cultural do turbante, o leitor reconhece e valoriza a identidade afro-brasileira. Fazer uso dele vai muito além de moda e estilo, pois é um símbolo de resistência ao aculturamento, de afirmação de identidade. Vestir-se com roupas de sua cultura e de seu estilo próprio é se distinguir, se reconhecer e se valorizar: “Você perguntou sobre os turbantes. Eu nunca usei, mas uma menina que mora ao lado da casa tem cada um mais lindo que o outro! Vou pedir a ela para ensinar a amarrar, e depois eu te mostro como fazer, tá?” (YUNES, 2018, p. 18).

Quando uma menina pergunta para a outra que está na África sobre o uso de turbantes, ela demonstra admiração e curiosidade pela cultura africana, mostra que a diversidade vem contribuir para que a visão de mundo, do outro, seja vista como o diferente, que vem completar cada um em sua singularidade, compreendendo, dessa forma, que o uso de turbantes está além de algo que está “na moda”, mas sim que esses são hábitos e costumes do povo africano, e dar continuidade ao uso é se identificar com seus ancestrais.

Figura 7 - Uso de turbantes, mostrando a identidade africana.



Fonte: Yunes (2018, p. 18).

Sobre os penteados africanos, o livro explica que entre as comunidades o cabelo pode comunicar o estado civil, a identidade étnica, religião, riqueza e status na comunidade. Cada região na África tem seus penteados tradicionais e sua estética particular. O cabelo é um meio de expressão real, pois através dele é possível reconhecer a etnia a qual alguém é pertencente. Nesse sentido, quando a escritora Yunes fala no livro sobre os penteados, incentiva a preservação dos costumes e penteados próprios do povo negro, contribuindo para a reafirmação da própria cultura e identidade africana.

Figura 8 - Tranças: penteados afro.



Fonte: Yunes (2018, p. 14).

Com isso, a escritora Virginia Yunes, em seu livro infanto-juvenil que é indicado para crianças e jovens em processo e desenvolvimento educacional, contribui para um novo discurso sobre o povo negro. Se as crianças, no momento atual, vierem a fazer uso de tal livro e questionarem seus pais e avós a respeito da visão e do aprendizado que estes tiveram em seu período escolar sobre o povo negro, ficariam chocadas quanto à forma com que este povo foi tratado e visto há séculos.

Apresentar um livro como este é de grande contribuição para que aqueles que são negros possam sentir-se confortáveis em repetir valores, costumes e tradições próprios de seu povo, reafirmando a sua identidade cultural, e para que os demais, que não são pertencentes à mesma cultura, possam compreender toda a diversidade que compõe a nação brasileira.

#### **4 O BLOG LITERATURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: O POVO NEGRO, SUA HISTÓRIA, COSTUMES E TRADIÇÕES**

A literatura infanto-juvenil *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau* (2018), da autora Virginia Maria Yunes, foi trabalhada em uma turma do Projeto Estadual de Novas Oportunidades de Aprendizagem (PENOA) e foi desenvolvida durante o ano letivo. Para tanto, em um primeiro momento, foram feitas atividades iniciais de aproximação literária por meio da leitura como recurso. Na sequência, foram desenvolvidas várias atividades, como desenhos expressando a compreensão dos costumes, hábitos e tradições do povo da Guiné-Bissau.

Os alunos também produziram cartas, escritas em papel de carta, que foram entregues em mãos para a escritora Virginia, a fim de esclarecer as curiosidades que tinham sobre o livro (curiosidades sobre desde quem eram as meninas do livro até onde será a próxima viagem que o pai de Naná – a Ana Maria do livro – fará). A entrega das cartas foi feita no encontro que aconteceu na escola entre alunos, professores e a escritora, que surpreendeu o público ao trazer junto consigo o guineense Ulla Cá, estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. A presença da escritora juntamente com o guineense deixou o público encantado, cheio de curiosidades, que foram respondidas por ambos.

Foi um momento de muita riqueza cultural. Ulla contou o quanto o povo africano admira os brasileiros. Neste momento, foi possível perceber a satisfação dos alunos afro-brasileiros em se identificar com suas origens.

O livro, as atividades desenvolvidas pelos alunos, a presença da escritora e do guineense, as entrevistas dadas aos jornais locais, bem como fotos tiradas no momento de encontro entre escritoras e leitores podem ser conferidas no blog *Literatura africana e afro-brasileira na sala de aula: o povo negro, sua história, costumes e tradições*, disponível em <https://edvandramcosta.blogspot.com/>. Além disso, o blog também oferece sugestões de histórias infantis, músicas e vídeos direcionados à educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental, e também postagens direcionadas ao público juvenil e aos professores.

Em um dos vídeos postados, é possível perceber a satisfação dos africanos que puderam voltar aos bancos escolares para se alfabetizar, rompendo com as más lembranças do passado, quando lhes era tirado esse direito. É possível conferir no blog, ainda, além de

sugestões de leituras para o público juvenil, livros como fontes de pesquisa para que professores venham a desenvolver aulas direcionadas para a cultura africana e afro-brasileira.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o término do trabalho, foi possível perceber que vivemos em um país de miscigenação entre povos e culturas bem distintas – apropriamo-nos da cultura um do outro –, e que a cultura africana influenciou na formação do povo brasileiro.

Somente por meio de um conhecimento histórico sobre o continente africano, sobre as características do povo negro, destacando também as suas similaridades, é que a ressignificação do discurso de exclusão será efetivada. Dessa forma, o livro escolhido, *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau* (2018), de Virginia Maria Yunes, contribui para a ressignificação do discurso de exclusão, uma vez que ele oferece um novo olhar no que diz respeito à cultura africana tanto por conter todas as páginas ilustradas quanto por mostrar com nitidez valores e costumes. A presença da verbo-visualidade nas páginas, ainda, facilita a compreensão e a construção do sentido lógico.

Esse novo discurso sobre o povo negro ofertado pela escritora em seu livro explica o que Foucault (1996) diz quando mostra que o discurso é capaz de controlar, limitar e validar as regras de poder. Uma vez que a escritora desenvolve o livro de acordo com a Lei n.º 10.639/03, que estabiliza a obrigatoriedade dos estudos da cultura africana nas escolas brasileiras, esse novo discurso é estampado em cada página quando mostra valores, tradições, costumes, enfim, toda a identidade cultural do povo africano, que por muitos anos foi silenciado, já que o Brasil era uma colônia portuguesa.

Conforme nos afirma Severo (2015), era praxe dos colonizadores impor aos colonizados sua língua, com o intuito de reprimir a identidade cultural destes. Diante disso, promover o acesso da população negra à igualdade de oportunidades foi sempre um desafio e um esforço contínuo dos movimentos negros amparados em políticas afirmativas, principalmente na área da educação:

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como também por imigrantes de diferentes países. [...] O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade (BRASIL, 1998, p. 117).

O Brasil tem se empenhando contra o racismo, a xenofobia e demais formas de intolerância, desde quando se fez presente na Conferência Mundial contra o Racismo, no ano de 2001, na África do Sul, o que trouxe mudanças significativas na saúde, na educação e no trabalho, temas prioritários nas recomendações do governo brasileiro. Foi reconhecida a necessidade de adotar medidas positivas em favor das vítimas do racismo, com o intuito de integrá-los na sociedade, incentivando a participação igualitária de todos os grupos culturais em todos os setores da sociedade, oferecendo igualdade de condições.

As principais políticas públicas com recorte racial na educação, no eixo do reconhecimento identitário, são a Lei n.º 10.639/03, alterando a Lei n.º 9.394/96, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, como também o ProUni (Programa Universidade Para Todos). Os conteúdos de livros didáticos e a qualificação dos professores contribuem para efetivação deste novo cenário.

No entanto, o atual momento histórico do Brasil também traz consigo inúmeros conflitos. Os discursos sobre cotas nas universidades, por exemplo, é alvo de muita discussão em sociedade. Há, ainda, casos de alunos brancos que adulteram seus documentos com intuito de se beneficiar de cotas destinada àqueles que foram vítimas de discriminação e preconceito, pois alegam que os negros se tornaram donos de “alguns privilégios” antes destinados a uma pequena parcela da população, a então elite brasileira, sempre beneficiada em todos os segmentos da sociedade, como se o racismo estrutural na sociedade brasileira pudesse ser apagado de um momento para outro:

Sabemos, porém, que, utilizada politicamente, a identidade é sempre contrastiva e situacional, variando em função do benefício e do momento. Mas mesmo se julgássemos a “cor” um problema irrelevante, seria bom considerar que uma reserva desse tipo garante a entrada, mas não a permanência em um curso universitário, por exemplo. Com efeito, os prejuízos da história não são ressarcidos por uma vontade formal. No entanto, o categórico não anuncia resignação. Se de um lado não há como negar o preconceito, de outro não dá para apostar na castigada fórmula da democracia racial, que, pensada fora da cultura, mais se parece com uma velha desculpa que ninguém mais escuta. A melhor parte dessa história é que talvez o tema não tenha volta e que sua explicitação ajude a ir além do jogo de cena.

“Cotas” servem como estratégia política para a abertura de um processo de negociação a prazo longo e como reação às pressões interna e externa, sobre as maneiras como a sociedade brasileira responde à desigualdade. Implica,

ainda, a abertura de um diálogo sobre critérios de reconhecimento e de auto-reconhecimento e a releitura de uma memória histórica, feita de tantas seleções e esquecimentos. Entre tantos “sim” e “não”, é impossível colocar, agora, um derradeiro ponto final. (SCHWARCZ, 2001).

Diante das opiniões contraditórias daqueles que sempre foram muito bem amparados em todos os segmentos da nossa sociedade, penso que precisamos sempre nos posicionar diante das desigualdades que não são mais cabíveis na sociedade atual, e denunciar qualquer irregularidade que possamos presenciar. É preciso reescrever uma nova história, livre de preconceitos, discriminação e desigualdades raciais.

Esse novo olhar – que traz respeito e igualdade de oportunidades àqueles que foram vitimados pelo simples fato de serem negros, mas que conquistaram o direito de viver a sua identidade, de praticar seus hábitos e costumes culturais – é necessário e urgente em um país rico na diversidade de povos e culturas como o Brasil.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 9 jul. 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso do Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano**. São Paulo: Global, 2006.

LIMA, M. Desigualdades raciais e políticas públicas: ações afirmativas no governo Lula. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 87, p. 77-95, jul. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002010000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002010000200005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 9 jul. 2019.

MEDEIROS, A. M. População negra. **Sabedoria Política**, s/d. Disponível em: <<https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/populacao-negra/>>. Acesso em: 31 jun. 2019.

MELO, I. Lilia Moritz Schwarcz: “O Brasil pratica uma política de eufemismos”. **Geledés**, São Paulo, 19 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/lilia-moritz-schwarcz-o-brasil-pratica-uma-politica-de-eufemismos/>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

PUZZO, M.; SANTOS, S. Gênero discursivo e as novas linguagens no ensino de língua portuguesa. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 26-43, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/102989>>. Acesso em: 9 jul. 2019.

SCHWARCZ, L. M. Cotas na universidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 ago. 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2908200110.htm>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

SEVERO, C. G. Políticas Linguísticas e racismo. In: REGUERA, A. (Comp.). **Actas del VII Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Lingüísticas**. Córdoba: Facultad de Lenguas y Secyt, Universidad Nacional de Córdoba, Asociación de Universidades Grupo Montevideo - Núcleo Educación para la Integración, 2015. p. 403-409. Disponível em: <[https://rdu.unc.edu.ar/bitstream/handle/11086/2167/Actas%20del%20VII%20EIPol.%20Ling%C3%BC%C3%ADsticas%202015%20\(1\).pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://rdu.unc.edu.ar/bitstream/handle/11086/2167/Actas%20del%20VII%20EIPol.%20Ling%C3%BC%C3%ADsticas%202015%20(1).pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 8 jul. 2019.

YUNES, V. M. **Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné-Bissau**. 1. ed. Florianópolis: Cuca Fresca, 2018.